

Por ocasião da comemoração dos 200 anos da Independência do Brasil, o Museu Bordalo Pinheiro destaca um conjunto de peças da coleção que se relacionam com a cultura, o povo ou o território brasileiro. Algumas pertencem ao período em que Rafael Bordalo Pinheiro viveu no Rio de Janeiro, entre 1875 e 1879, outras são reveladoras da estreita relação que manteve com o Brasil, mesmo após o seu regresso a Portugal.

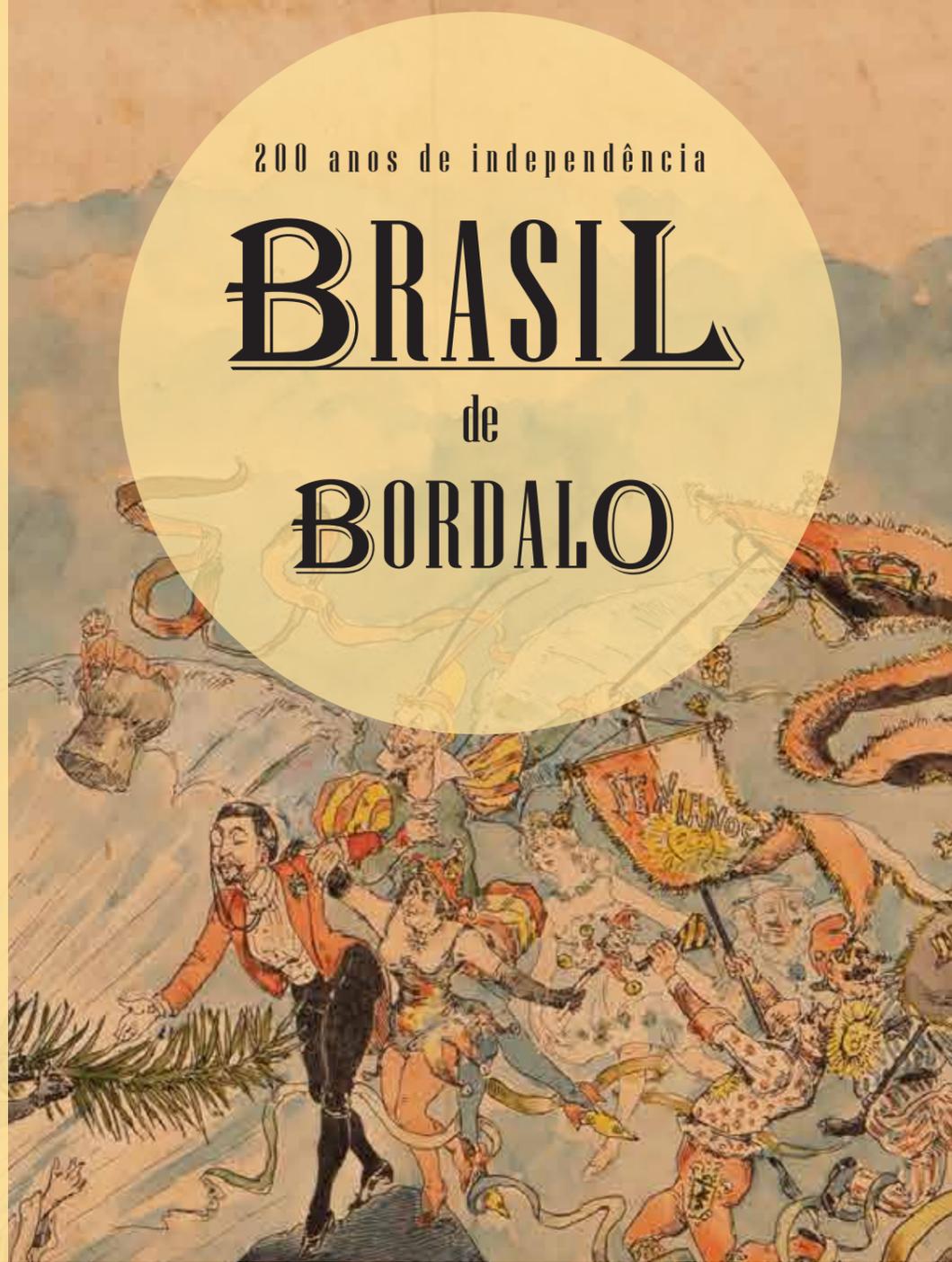
A peça central é o grande desenho aquarelado “Carnaval de 1897” (1896), um elogio à festa carioca e uma paródia sobre costumes e comportamentos. As ligações entre Portugal e o Brasil no final do século 19 e o afastamento de algumas práticas carnavalescas estabelecidas na época colonial estão aqui caricaturadas.

Do período no Brasil, onde Bordalo dirigiu os jornais *O Mosquito*, *o Psitt!!* e *O Besouro*, revelam-se aspetos da sua prática humorística, vivências, causas, amizades, e também algumas disputas e dificuldades que atravessou. Já em Portugal, exemplos da sua colaboração com eventos comemorativos do aniversário da proclamação da República do Brasil (15 de novembro de 1889) mostram o ideário defendido por Bordalo e as afinidades com o novo regime político instaurado. O seu fascínio pela fauna e flora tropicais e pela beleza de elementos da paisagem brasileira que se tornaram ícones, como o Pão de Açúcar, é evidente em muita da sua produção gráfica. No final da sua vida, a ligação com o Brasil é reforçada. Marca disso foi a oferta, ao Presidente da República Campos Sales, da “Jarra Beethoven”, a sua maior obra em cerâmica e um dos feitos artísticos de que mais se orgulhou. Atualmente, esta peça pode ser vista no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.



museubordalopinheiro

Campo Grande 382, 1700-097 LISBOA T.+351 215 818 540 www.museubordalopinheiro.pt



2. **Retrato de Rafael Bordalo Pinheiro**  
Fotografia (reprodução ampliada sobre vinil). 28.11.1878

António Lopes Cardoso, premiado Fotógrafo da Casa Imperial, captou o jovem Rafael Bordalo, descontraído e a fumar. Olha-nos de frente, tendo suspenso o seu monóculo. O retrato de meio-corpo foi realizado em estúdio, no Rio de Janeiro, e reproduzido para ser oferecido, como era moda.

O artista dedicou este exemplar ao seu pai, Manuel Maria Bordalo Pinheiro, que vivia em Lisboa, brincando com o facto de ser o fundador e redator d'*O Besouro*, jornal humorístico brasileiro, que lançara em abril.

5. **Minhas senhoras! Meus senhores!**  
Litografia sobre papel  
*O Mosquito* 11.09.1875

Através de uma BD, o artista conta-nos como conquistou os leitores deste jornal humorístico do Rio de Janeiro. Logo no seu primeiro trabalho publicado, Rafael apresenta-se de uma forma descontraída e bem-humorada, descrevendo a sua viagem, os medos e as agradáveis surpresas à chegada ao novo continente. São apontamentos de amabilidade, que destacam a elegância feminina, bailes, concertos e corridas de cavalos. Enquanto personagem principal da crónica, o artista autocaricatura-se dezassete vezes, dando-se

a conhecer por inteiro ao público e prometendo voltar na semana seguinte. Associada à qualidade gráfica, é de salientar o esforço de adaptação do texto em português a uma linguagem fácil para o leitor brasileiro. O artista viria a ser o proprietário deste jornal e lançaria dois outros, *o Psitt!!* e *O Besouro*, durante os quase quatro anos de estadia no Brasil. Rafael Bordalo tinha 29 anos.

9. **A Semana**  
Litografia sobre papel  
*O Mosquito* 29.11.1876

Transformado em porta-lápis, Rafael Bordalo é o protagonista de uma movimentada história à procura de notícia para este seu jornal. O artista autorrepresenta-se uma dezena de vezes perseguindo um jornalista. Afinal a intenção é publicitar a festa artística em benefício do seu amigo Eduardo Brazão, ator português que estava no Rio de Janeiro. A história continua em mais duas páginas. É notável como o caricaturista consegue animar um objeto e dar-lhe o seu rosto. Rafael Bordalo tinha 30 anos.

10. **Amen!**  
Litografia sobre papel  
*O Besouro de Chicote* 12.12.1878

Involgar autorrepresentação do artista, que se mostra de costas e inclinado. É a última página de um número especial do seu jornal brasileiro, onde põe fim à violenta polémica com o caricaturista Angelo Agostini, que vemos representado como boneco articulado. Contrastando com a pose descontraída e elegante, o artista está calçado com tamancos e segurando a bengala, duas peças de traje que podiam servir de arma. Rafael Bordalo tinha 32 anos.

58. **Menus**  
Menu  
Litografia colorida sobre papel  
15.11.1890

Menu comemorativo do primeiro aniversário da “República dos Estados Unidos do Brasil”. Rafael Bordalo apresenta-nos uma iconografia simbólica, com um índio brasileiro a ser conduzido pela mão da jovem República, que agarra um ramo de oliveira e da paz. O índio está sobre a roda da fortuna e das cornucópias “Industrias”, “Artes” e “Commercio”, segurando a espada e balança da justiça, tendo em baixo uma vista da baía do Rio de Janeiro que o artista tinha deixado há onze anos. As referências à comemoração encontram-se, apenas, nos nomes das sobremesas.

Menu  
Litografia sobre papel  
20.09.1899

Menu do banquete de receção a Rafael Bordalo por ocasião do seu regresso do Brasil, onde realizou uma exposição da Fábrica de Faianças com o intuito de vender a Jarra Beethoven. O desenho representa o Zé Povinho junto à Torre de Belém, de braços abertos, recebendo o seu criador, atrás do qual se ergue o Pão de Açúcar e a sombra da Jarra, que hoje se encontra no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

**Banquete em Honra do Illustre Dr. Campos Salles**  
Litografia colorida sobre papel  
7.08.1898

Menu do banquete que celebrou o oitavo aniversário da implantação da República no Brasil e homenageou o seu presidente, Manuel Campos Salles. O banquete atesta as relações

que uniam Portugal e o Brasil, onde Bordalo viveu no Rio de Janeiro entre 1875 e 1879. A simpatia do autor pelo regime republicano nota-se na decoração onde uma flora tropical exuberante é enquadrada por alegorias ao comércio e indústria, por alfaías agrícolas e ainda por referências às artes e à ciência.

66. **Jejuns do Reverendíssimo!**  
Litografia sobre papel  
*O Mosquito* 8.04.1876

Inserido no contexto da polémica “questão religiosa” que caracteriza o século 19, Bordalo Pinheiro questiona a moderação dos homens da Igreja em tempo de Quaresma, período de penitência que inclui o jejum e a abstinência. Num tom crítico, o artista que estava a trabalhar no Brasil, representa este clérigo sentado a uma mesa farta, onde reconhecemos o leitão e a ave assada, o vinho que acompanha a refeição e um curioso paliteiro em forma de jesuíta.

86. **Menu do jantar oferecido ao Senhor Conde do Alto Mearim** (frente e verso)  
Litografia colorida sobre papel  
27.04.1892

Involgar menu simulando um guardanapo, graficamente cuidado atendendo às dobras. As duas faces têm cercadura padrão de peixe e salsa. Apresenta duas vistas (Lisboa e Rio de Janeiro), o monograma do titular e, sob pés de salsa enormes, vemos empregados de mesa e o cozinheiro João da Mata. No verso, ladeando o menu, volta a figurar o cozinheiro Mata, uma galinheira, uma varina e o próprio Rafael Bordalo que noticiou o jantar no seu jornal *O António Maria*, 30.04.1892.

## Carnaval de 1897

Aquarela, tinta-da-china e tinta dourada sobre papel. 1896.

Doação Justino Guedes

Desenho aquarelado feito por Rafael Bordalo Pinheiro para a *Mala da Europa*: *Revista Quinzenal*, periódico português com ampla circulação no Brasil, e com escritórios no Rio de Janeiro.

Por ocasião do Carnaval de 1897, Bordalo traça um desenho humorístico dedicado ao Carnaval carioca, festa que tão bem conhecia, por tê-la acompanhado de perto no período em que viveu no Brasil (1875-1879).

Algumas das tradições e personagens aqui caricaturadas já se encontravam nos cartoons de Bordalo para *O Mosquito* (1875-76) e *O Besouro* (1878-79), bem como o confronto entre o Entrudo (festa antiga, levada pelos portugueses para o Brasil, entre os séculos 16 e 17) e o Carnaval (festa moderna, influenciada pelo Carnaval francês e italiano).

A intensa campanha contra o Entrudo, alimentada pela imprensa brasileira, foi sendo, à data, comentada por Bordalo, e é nela que assenta a base desta composição, onde são feitas referências às origens do Carnaval carioca e a outras formas de fazer a festa.

Esta extasiante celebração do Carnaval carioca deixa graficamente escrita a história desta festa, desde o violento e popular Entrudo até à feição cosmopolita e elegante, à data, dita "civilizada", antecessora do Carnaval como o conhecemos hoje.

Mariana Roquette Teixeira



Grande animação e folia, com música, dança e trajes coloridos e elegantes. A "**Mala da Europa**" participa nesta festa esfusante, abrindo uma garrafa de *champagne* em sua honra. Uma explosão de serpentinas e *confetti* marca a comemoração e reconhecimento do Carnaval carioca pelos históricos carnavais de Itália e França, aqui representados pelas figuras do **Arlequim** (Veneza), da **Colombina** (Nice) e do **Pierrô** (Paris). No cume do Pão de Açúcar, ladeado pelas águas cristalinas da Baía de Guanabara, está a personificação do Carnaval carioca, que se inclina para receber a palma.



Desfile das **três grandes sociedades carnavalescas**, Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos, identificadas pelos seus estandartes transportados pelas respetivas personagens-símbolo: o diabo (Tenentes), a figura masculina com um sol na cabeça (Fenianos) e outra com barrete frígio republicano (Democráticos).



Curso com quadros de sátira social e política.

**Casamento em bicicleta** como moda de fim de século.



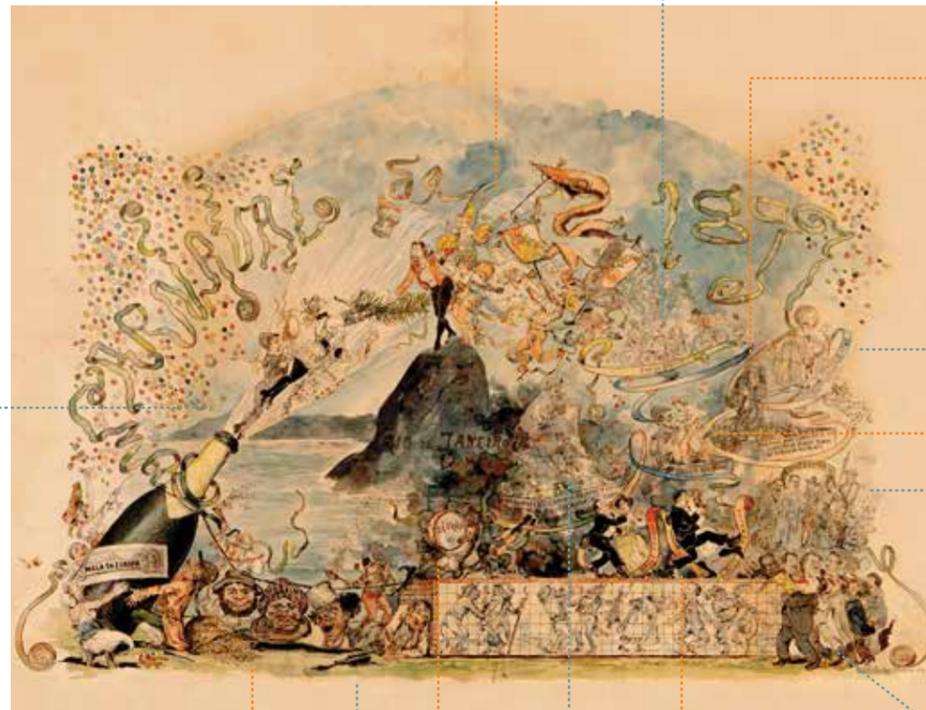
Carro alegórico sobre "**saneamento da cidade do Rio**", que critica a situação e a falta de medidas.



**A política externa** também tem lugar com um carro intitulado "o seu a seu dono", dedicado à recuperação da Ilha da Trindade pelo Brasil, aqui representado pela figura da República que, sentada sobre John Bull, recebe de volta, pelas mãos do diplomata português Marquês de Soveral, a ilha que tinha estado ocupada pela Grã-Bretanha.



**A cultura e a imprensa** parodiadas através dos mascarados "Nephlibatas" e do carro alegórico "A Imprensa", no qual se destacam a "Gazeta", "A Bruxa" e "D. Quixote", este último do caricaturista Angelo Agostini.



Referências ao **Carnaval popular**, de Portugal e do Brasil. "**Cabeçudos**" com as caricaturas da baiana e do carioca remetem para **outras expressões festivas ligadas a práticas africanas**.

A "cabeça" do Zé Povinho alude aos jogos e personagens, que ainda se mantinham, da folia então considerada bárbara: o "Chéché" com o seu facalhão, o lançamento de ovos podres, as saraivadas de

tremoços e os líquidos suspeitos lançados com bisnagas por mulheres (ou serão homens travestidos?) em roupa interior e com máscaras de nariz vermelho.



Um indivíduo embriagado, que não se consegue levantar do chão, contrasta com um mascarado que lança *confetti*.



Gato que veste a pele do "**Zé Pereira**", personagem típica do Entrudo em Portugal, que tocava bombo enquanto desfilava em parada, e que foi assimilado no Rio, fazendo-se acompanhar pelo refrão: "E viva o Zé Pereira / Que a ninguém faz mal / E viva a bebedeira / Nos dias de Carnaval: / Viva o Zé Pereira / Viva, viva, viva!".



Sobre **a economia e as finanças**, este "**carro da ideia**" ilustra "o cambio sempre a descer e o boi sempre a subir", através de uma figura masculina que desce de bicicleta, descontroladamente, uma montanha, cujo cume é alcançado por um boi (símbolo do investidor otimista).



Olhar humorístico sobre os comportamentos nos bailes de Carnaval organizados pela burguesia, em casa, clubes ou teatros, animados pelas **danças europeias** como a polca, o *schottisch*, a varsoviana, entre outras.



Um muro com um painel de azulejos separa "**os de cá**" (Portugal), onde Bordalo se autocaricatura junto de colegas de profissão, e "**os de lá**" (Brasil).